

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

"Lá vem o Bicho Papão"

José Rezende Mendonça

Ilhéus, Bahia - 2021

Copyright © 2021
José Rezende Mendonça
Ilhéus – Bahia

DIAGRAMAÇÃO
José Rezende Mendonça

CAPA
José Rezende Mendonça

FOTOS

Todas as fotos publicadas neste livro, são do acervo fotográfico eletrônico de José Rezende Mendonça, excetuando as que estão identificadas pela sua autoria e acervo, no próprio texto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

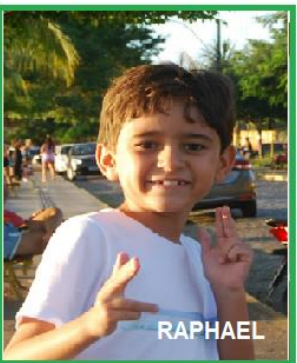
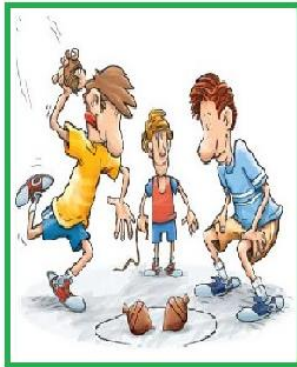
Mendonça, José Rezende.

“Memórias da Infância – Lá vem o Bicho Papão” / José Rezende Mendonça – Ilhéus: Via LIVRORAMA 2021. 98p.:il.

ISBN: 9798525546257

1. Literatura brasileira – memórias. 2. Crianças Felizes – 3. Infância do Passado – 4. O assombroso mundo infantil – 5. Tempos que não voltam mais – 6. Brincadeiras de Rodas – 6. Músicas infantis – 7. Mistérios.

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, total ou parcial, constitui violação da lei nº 9.610/98.



DEDICATÓRIA

Dedico a simplicidade deste livro, a todas as crianças e adolescentes, que viveram àquela época, ao nosso lado estudando, rindo, chorando, brincando e brigando, e me fez feliz.

Em especial vai para meus netos: Jonnas (In Memoriam), Isabelle, Enzo, Raphael e Davi. Eles serão o futuro de amanhã, e aqui nestes registros, possam sentir o quanto fui feliz quanto criança e adolescente.

Que algo os despertem, para que um dia, possam

também relatar em livros suas infâncias e adolescências, que por certo, meus bisnetos no futuro, tenham em mãos literaturas suficientes, para analisarem os prós e contras, entre gerações bem distintas.

INTRODUÇÃO



Toda cidade, todo bairro, tem sua história e como na vida quase tudo evolui, os relatos aqui contados neste livro, são partes dos registros de memórias, de um bairro onde nasci, vivi e resido até hoje aos meus 70 anos de idade.

Dentre tantas transformações, culturais, arquitetônicas, ambientais, neste livro específico, vamos discorrer sobre um tema bastante marcante na infância e adolescências de muitas crianças, que como eu, viveram e passaram por todas emoções possíveis – nossos medos, fantasias, mistérios, lendas, costumes, causos, vocabulários, músicas, brincadeiras de roda, brinquedos, enfim, relembrar todo um passado, fez restaurar minha alma.

Aquilo pra mim, que parecia sem importância, nos revelou que tinha um valor extraordinário. Fiquei feliz em saber que, ao brincar, estava criando estratégias para restaurar a minha dor e entender todos os processos da vida humana.

De qualquer modo, o mais significativo, é que pude ser criança, brinquei plenamente, fiz travessuras. Quantos não têm mais este direito garantido de serem crianças.

SOBRE O AUTOR



Por Luiz Alberto Matos Silva.



O Rezende, Zé Rezende, Zé Mendonça ou, formalmente, José Rezende Mendonça, é uma pessoa que qualquer cidadão ou cidadã gostaria de compartilhar a sua amizade desde o primeiro ano de vida para poder encher o peito e, com todo orgulho, dizer a toda gente: “conheço há mais tempo que você... o vi nascer!” Como nasci e me criei no bairro da Conquista, não faço parte desse grupo privilegiado, mas posso esbanjar que o conheci há cerca de 40 anos, razão pela qual posso relatar pelo menos parte desse convívio profissional saudável e de continuada amizade. De pura e saudável amizade, que nos une desde 1972, ocasião em que o ainda garoto

Rezende se apresentou na Divisão de Solos da CEPLAC, como técnico agrícola recém-contratado.

Lembro-me bem que o CEPEC (Centro de Pesquisas do Cacau) ainda não existia, mas os variados setores da pesquisa estavam espalhados nas antigas sedes das fazendas. A Divisão de Solos, localizada na sede da Fazenda Corumbá, era composta pelos Setores de Solos (chefiado pelo engenheiro agrônomo Percy Caballa), de Geologia (liderado pelo geólogo Paulo Ganem Souto – posteriormente governador da Bahia), de Aerofotogrametria (chefiado pelo engenheiro agrônomo José de Oliveira Leite) e o de Fitogeografia (pelo biólogo Luiz Guimarães de Azevedo). E éramos os dois únicos técnicos agrícolas que davam o suporte de campo para os setores de solos, aerofotogrametria e vegetação, naquela ocasião.

E foi exatamente aí que o Rezende se despontou na área da cartografia e deu início à produção dos excelentes trabalhos. Senão vejamos: logo nos três primeiros anos participou da equipe de estudos da CEPLAC que buscava conhecer melhor a região e apontar alternativas, resultando na publicação do Diagnóstico Socioeconômico da Região Cacaueira, publicado em 15 volumes, entre eles um sobre o Uso Atual da Terra e outro sobre a Hidrologia da Região Cacaueira; nos anos seguintes participou ativamente em trabalhos de laboratório e campo para o projeto “Perdas de água, solos e nutrientes no sul da Bahia”; ministrou aulas teóricas e práticas sobre cartografia, aerofotogrametria e hidrologia para os alunos de agrimensura da EMARC – Uruçuca; realizou o

cadastramento de imóveis rurais, com base nas fotografias aéreas, para subsidiar os mapas municipais de solos, vegetação etc.; na década de 80 participou da equipe responsável pelo levantamento e estudo dos solos da região, com o objetivo de prestar atendimento aos agricultores e pecuaristas, além de enriquecer a coleção de tipos de solos amostrados no Museu de Solos da Divisão de Geociências do Centro de Pesquisas do Cacau; também participou de um projeto de recuperação de áreas planas degradadas no Sul da Bahia, através de sistemas de cultivo e manejo do solo, onde recomendava a implantação de essências florestais.

Daí, deslançou com uma série de colaborações para a ciência, através de publicações de mapas sobre solos e vegetação, entre eles o Mapa/Calendário “Remanescentes da Mata Atlântica do Sul da Bahia – período 1944-1994”, com grande repercussão internacional e atualmente exposto, com destaque, no espaço Memorial Prof. Milton Santos, organizado pelo IMA – Instituto do Meio Ambiente do Estado da Bahia, em Salvador.

Conheço mais de quarenta publicações, entre artigos e mapas, tendo o Rezende participado como autor ou coautor. Gostaria de poder citá-los neste espaço que me foi concedido, sobretudo porque estão diretamente relacionadas com a história e a geografia de muitas localidades da região cacauzeira da Bahia. Entretanto, não posso deixar de incluir pelo menos algumas, porque foram muito significativas, sobretudo pela fidelidade nas informações apresentadas, ao ponto de dirimir muitas

dúvidas que pairavam até entre pós-graduados de instituições de ensino, pesquisa e extensão.

Da sua cabeça e mãos, saíram “Povoados e vilas do sudeste da Bahia”, “Dificuldades para a obtenção de informações qualitativas e quantitativas do uso atual da terra com imagens de satélite na região cacauzeira da Bahia”, “Diagnóstico dos recursos naturais da Área de Proteção Ambiental para o tombamento da Lagoa Encantada e Rio Almada”, o livro em coautoria “Terras avistadas por Cabral – Mata Atlântica 500 anos de devastação”, entre muitas outras obras.

Em relação aos mapas, ressalto aqueles publicados em convênio com o The New York Botanical Garden, a exemplo de “Os manguezais do município de Ilhéus”, “A Mata da Esperança” (atual Parque Municipal da Boa Esperança), “A expansão urbana da cidade de Ilhéus”, “Problemática ambiental da cidade de Ilhéus” e “Mata Atlântica – Reserva Biológica de Una”.

Este é o lado profissional do Rezende que o credencia a escrever e reescrever sobre o sul da Bahia e, com mais detalhes, sobre a nossa Ilhéus. Agora, falar da história e contar as estórias sobre o bairro do Pontal e sua comunidade, realmente é necessário possuir o domínio do conhecimento, uma vivência integral e, sobretudo, muita paixão pelo local. E porque não dizer, pelo seu povo também.

Afora isto, sei que pesquisou insistentemente em todas as fontes que podemos imaginar, sobretudo as mais antigas e ainda presentes: igrejas, terreiros, cartório, colônia de

pesca, canoieiros, mestres de embarcações, aviadores, antigos aguadeiros, carroceiros, proprietários de bares, restaurantes e pensões, lavadeiras, parteiras e até políticos.

Lembro-me das cartas que enviava para os prefeitos, contendo sugestões, reivindicações etc., porém nunca para si, mas sempre em benefício da comunidade. É claro que algumas foram atendidas, muitas não. Em 1996, sugeri ou solicitei formalmente ao então prefeito, dezoito itens e dentre eles: construção de uma passarela (como a do Bairro São Miguel) ligando a Av. Lomanto Jr. (Chinaê) com a Av. 2 de Julho; duplicação (via governo do Estado) da BA 001, trecho Aeroporto-Cururupe; construção dos anéis rodoviários Banco da Vitória-Distrito Industrial e Banco da Vitória - Zona Sul, com destino a Buerarema, Una, Canavieiras e Santa Luzia; retorno das lanchas Centro/Pontal/Centro; e apontou alternativas para uma melhor utilização dos armazéns do antigo porto e do local onde está instalado o Cristo Redentor.

Por José Carlos Oliveira Júnior



A nossa sólida amizade, iniciada no referido ambiente de trabalho há mais de quarenta anos, me proporciona condições de falar também sobre o lado pessoal e humanitário do Rezende. Claro que isto daria um bom livro! Ou melhor, dará um bom livro! Será uma oportunidade ímpar de poder conhecer melhor

este pontalense apaixonado pelo seu bairro, pela sua geografia e pelos causos ou estórias, histórias e mitos contados pela sua gente do passado e presente.

Na realidade são muitos os seus atributos, incontáveis as suas virtudes e sempre fiel às suas amizades. Assim sendo, não preciso dizer mais nada!

José Rezende Mendonça, com sua simplicidade e humildade, cuidadoso nas pesquisas, detalhista na versão dos fatos, virou e revirou a história do nosso querido bairro do Pontal. Com seus textos, com seus causos, suas fotos.

Um trabalho riquíssimo de retratação da vida de uma comunidade, fazendo com que os mais jovens conheçam a história do bairro, do seu povo.

A minha cumplicidade neste livro foi mais com a insistência em convencer meu amigo a escrevê-lo e pela admiração que tenho por ele. O seu autor, no alto de sua simplicidade, queria deixar estas anotações para sua família e alguns amigos, como ele mesmo dizia: pra que publicar um livro? Isto é coisa de escritor e, como não sou, ficam os rascunhos para quem quiser lembrar do velho Pontal.

E agora, estamos todos viajando na história. E que bela história! É um momento em que voltamos ao passado, às saudades, às lembranças. Aos tempos das ruas sem calçamento, das árvores frondosas, dos costumes, das tradições, enfim, de um tempo que jamais voltará. Afinal,

o desenvolvimento era inevitável, e o tempo de mudanças veio para ficar, mas a saudade perdura.

E Rezende está nos proporcionando esta viagem. O que vamos ler e ver nas páginas deste livro nos leva a um belíssimo sonho, de emoção, de saudade, de lembrança.

Um pesquisador insaciável, autor e coautor de diversos trabalhos técnicos na sua especialidade em solos e fotointerpretação, citado em publicações sobre Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente e no Instituto National Tropical Botanical Garden dos EUA e, também, sempre preocupado com a sua querida Ilhéus.

Este depoimento expressa o meu carinho, respeito e admiração por este grande amigo.

NA VISÃO DO ESCRITOR RUY PÓVOAS (*)

(*) Ruy Póvoas é Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade do Rio de Janeiro. É consista, poeta e ensaísta, publicou “Vocabulário da Paixão” (Poesias). A “Linguagem do Candomblé”, “A Fala dos Santos” (Contos), “Da Porteira pra Fora”, “Itan: de Boca e Ouvido” (Contos), “Verso e Reverso” (Poesia), “Itan Dos Mais Velhos”. É membro da Academia de Letras de Ilhéus.

“Cai uma chuva fininha do céu de chumbo de Itabuna. É uma tarde de domingo e acabo de ler um exemplar da segunda edição de seu livro “Pontal: ontem e hoje”. Seu livro-documentário me carregou pela mão e me levou aos porões de minha memória onde está guardado um Pontal que se esfumou nas curvas do tempo. Na capa, a foto do saveiro Girassol, de cuja proa eu costumava dar mergulhos nas águas da baía de Pernambuco. Os colegas voltaram: Heider, José Cláudio, Sinésio, Lenival, Cicinho e outros e tornamos a mergulhar nas águas da memória...

Pois bem: nasci no Pontal, em 19 de maio de 1943 e por lá vivi até 28 de outubro de 1971. Vinte e oito anos, portanto. E guardei na memória aquele Pontal bucólico de um tempo antes da ponte. Nele, as ruas eram acarpetadas de capim e o meio de transporte mais rápido era o jegue do carvão, motivo de preocupação das mães que não queriam ver seus filhos atropelados... Eu não podia jogar futebol, porque era asmático. E só meu amigo Zé Pequeno tinha

paciência de jogar bola comigo, porque eu não podia correr...

...Essa bondade dele eu carrego para sempre comigo e nem sei se ele sabe disso. Como também não posso esquecer o dia em que Portela me arrancou dos braços da morte, quando eu estava me afogando.

Você faz, em seu livro, uma turnê maravilhosa, documenta sob seu olhar, inúmeros pontos de nossa terra. É claro que você não pôde ver tudo. Até mesmo porque havia no Pontal segmentos sociais aos quais você não tinha acesso. Exemplo disso, o povo da panelinha da Igreja, dos terreiros de candomblé, das rodas de samba, dos peixeiros...

É nesse âmbito em que me situo, pois fui criado com acesso a duas amplas classes socioeconômicas: a dos ricos e a dos pobres. Meu pai, Agenor Póvoas, era fazendeiro de cacau, homem rico, de uma das mais tradicionais famílias de latifundiários da Região. Minha mãe, negra, analfabeta, mulher de terreiro de candomblé. E no trânsito desses dois mundos, eu fui criado. Estudei na Escola Coração de Maria, da Professora Elvira Marques, cuja foto no seu livro me matou de saudades. Quando eu saí de lá, você entrou. Depois, fiz Ginásio e Científico no IME. Depois, fiz Letras na FAFI e Mestrado na UFRJ. Vim para Itabuna e me tornei professor universitário, escritor e babalorixá...

Com o tempo, juntei minhas tendências para o ensino com o conhecimento do candomblé e me tornei escritor. Já tenho vários livros publicados. E em todos eles o Pontal sempre está presente...

Voltando ao seu livro, considero o ponto auge dele a sua misericórdia em abordar o assassinato de seu pai, sem acusação alguma a quem quer que seja. Isso revela uma atitude de pessoa espiritualizada que não acredita nas forças do ódio...

...Há vários aspectos de seu livro sobre os quais eu gostaria de conversar. Afinal, eu entendo que ele é um documentário que registra para “sempre” um Pontal que a mentalidade capitalista, extrativista e assassina do meio-ambiente fez questão de não preservar. E isso engloba grauçá, garu, murta, tapiá, siri, aratu, ostra, mussuni, siri mole, lagosta, pinaúna, caju, jaca de pobre, fruta pão, bucha de cerca, araçá, ouricuri, mane-velho, xandó, tucum, eucalipto cheiroso, praias largas, ondas mansinhas, orla sem lixo, fontes brotando em pé de morro, árvores centenárias, coqueiros em abundância, mangueiras desafiadoras, visagens, assombrações, lubisomens, bruxas, mulas sem cabeça, cavaleiros encantados, rezadeiras, bênção de sexta-feira santa...

...Aprendi com Cícero, o grande orador romano, que “com o tempo, todas as coisas mudam e nós mudamos com elas”. Também já disse Camões que “tudo é feito de

mudanças”. Então, mudar é a palavra de ordem do Universo. Mas não se ensinou que mudar é destruir o passado. O povo da nossa Região deixa ver que tem verdadeira ojeriza ao passado e por isso tenta apagá-lo de qualquer maneira. Então, pessoas como você são marcos de resistência na preservação da memória.

Parabéns pelo seu trabalho. Em nome dos que você registrou e por toda a herança que eles nos legaram, me faço portador de eterno reconhecimento e penhor de gratidão.

Permita-me uma sugestão: mande cinco exemplares de seu livro para a Biblioteca Nacional, mais um outro para a Academia de Letras da Bahia e mais um para a Academia de Letras de Ilhéus e mais um para a Biblioteca da Academia Brasileira de Letras. Alguns devem ser mandados também para a Biblioteca Central da UESC. Mande alguns exemplares para uma distribuidora de livros, destas que circulam na Internet. Isso garantirá a circulação e a permanência da memória que você registrou.

Não vamos deixar isso se perder, pois depois de você, ninguém mais fará isso. E os que virão após você precisam conhecer tal registro”.

No mais, o melhor dos abraços pontalenses.

Ruy Póvoas

FORMANDOS – TURMA/EMARC – 1969/1971



Aproveito este espaço, para reconhecer e deixar registrado minha passagem pelo Ginásio do Pontal, que funcionou em 1965, no Colégio Barão de Macaúbas, e depois 1966, no antigo prédio do Hotel Aeroporto do Pontal, onde é hoje o Instituto de Educação do Pontal (1965/1966), IME (1967) Colégio Estadual do Malhado (1968). Como também não se lembrar da EMARC Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira e tudo sobre a escola da minha vida, que começou com a professora Elvira Marques, passando pelo professor Paim, professora Isabel Shimit na cidade de Aracajú, os professores do Ginásio do Pontal.

A EMARC, o meu maior respeito e agradecimentos, a todos aqueles profissionais dedicados e todo seu corpo funcional, pois foi no internato de três anos (1969-1971), onde aprendi que lá, é onde “filho chora e mãe não ver”. Foi lá que aprendi a conviver em grupo com mais intensamente, com 20 colegas, numa época em a ditadura a florava neste país, mesmo assim só tenho que agradecer tudo que aprendi, não só na parte educacional dos estudos teóricos e práticos e agregados ao dia a dia. Foi lá que aprendi a pegar numa enxada, machado, facão, trator roçadeira e muitos mais.

Aprendi tudo sobre tecnologia de alimentos, Construções rurais, mecânica agrícola, administração de fazendas, zootecnia, biologia, hidrografia, agrimensura, primeiros socorros, culturas regionais e com maior destaque para a cultura do cacau.

Foram três anos de pleno conhecimento geral, principalmente na prática. Escola com regime militar, mas com uma direção do professor/diretor Dr. Augusto Monteiro, que empregou o lema: “Damos liberdade, mas queremos responsabilidade”.

Como não lembrar as excursões por diversas regiões, para aprender na prática culturas como: dendê, coco, seringueira, cravo, pimenta do reino, canela, criações de frangos, porcos, gado, coelho, etc. Exposição de gados em Vitória da Conquista, Itapetinga, Estação de Quarenta de Plantas da Ceplac em Salvador, e diversas estações agrícolas. Vida ainda regada com esporte, banda marcial. Digo com sinceridade, sair pronto para enfrentar a vida e